

El Próximo Oriente antiguo y el Egipto faraónico en España y Portugal

Viajeros, pioneros, coleccionistas,
instituciones y recepción

Lucía Brage Martínez
Juan-Luis Montero Fenollós (eds.)



Universidad de Barcelona. Datos catalográficos

El Próximo Oriente antiguo y el Egipto faraónico en España
y Portugal : viajeros, pioneros, coleccionistas, instituciones y recepción /
Lucía Brage Martínez, Juan-Luis Montero Fenollós, eds. – (Barcino
monographica orientalia ; 13)

Inclou bibliografia
Textos en castellà i portuguès
ISBN 978-84-916-8419-0

I. Brage Martínez, Lucía, editor literari II. Montero Fenollós,
Juan-Luis, editor literari III. Col·lecció: Barcino monographica
orientalia ; 13
1. Arqueologia 2. Egiptologia 3. Assiriologia 4. Orientalística
5. Viatgers 6. Col·leccionistes i col·leccions 7. Segle XVI-
segle XX 8. Península Ibèrica 9. Espanya 10. Portugal
11. Orient Mitjà 12. Palestina

© Edicions de la Universitat de Barcelona

Adolf Florensa, s/n
08028 Barcelona
Tel.: 934 035 430
Fax: 934 035 531
www.publicacions.ub.edu
comercial.edicions@ub.edu



EDICIÓN

Instituto del Próximo Oriente Antiguo (IPOA),
Facultad de Filología, Universidad de Barcelona

DIRECTORES

Adelina Millet Albà e Ignasi-Xavier Adiego
(IPOA, Universidad de Barcelona)

IMAGEN DE LA CUBIERTA

Palmira. *Libro de viaje a Siria* (acuarela de Paco Carreño, 2006).

ISBN 978-84-9168-419-0
Depósito legal B-18.694-2020
Impresión y encuadernación Gráficas Rey

Publicación financiada por la Sociedade Luso-Galega de Estudos Me-
sopotámicos.

Queda rigurosamente prohibida la reproducción total o parcial de
esta obra. Ninguna parte de esta publicación, incluido el diseño de la
cubierta, puede ser reproducida, almacenada, transmitida o utilizada
mediante ningún tipo de medio o sistema, sin autorización previa por
escrito del editor.

O séc. XVII e o contributo de António de Gouveia na redescoberta de Persépolis e do cuneiforme

Ivo Martins – *Leiden University*

Destruída em 330 a.C., a localização de Persépolis esteve *perdida* do imaginário Europeu por cerca de dezoito séculos.¹ Situado na planície de Marv Dašt, província de Fārs, a construção do complexo monumental Persépolis, referido nas fontes cuneiformes como ^{kur}*par-sa*,² foi iniciada no reinado de Dario I (522-486 a.C.). Com o fim do Império Aqueménida, a sua destruição e pilhagem às mãos do exército de Alexandre Magno (336-323 a.C.) leva ao abandono do complexo.³ Ao longo dos períodos Parto, Sassânida e Islâmico, a função, designação e autoria do complexo desaparece gradualmente da memória das populações locais sendo substituídas por topónimos e explicações lendárias,⁴ ao passo que a sua localização desvanece-se da memória Ocidental. A redescoberta de Persépolis e da escrita cuneiforme aconteceria graças ao empenho de vários viajantes e investigadores ao longo de seis séculos.⁵

1. O presente artigo foi escrito sob os auspícios do Projecto “*Persia and Babylonia: Creating a New Context for Understanding the Emergence of the First World Empire*” financiado pelo ERC (682241 ERC-COG-2015).

2. Sobre as diversas designações atribuídas ao complexo veja-se Roaf “Persepolis” *RIA* 10:394.

3. Vestígios arqueológicos indicam que o complexo foi parcialmente reocupado durante o Período Selêucida (305-64 a.C.). Cf. Roaf *RIA* 10: 394; Tilia 1978:315-316; Mousavi 2012: 71-82.

4. Cf. Mousavi 2012: 71-82; 83-94.

5. A escrita cuneiforme foi cerimonialmente declarada como decifrada em 1857 com quatro traduções idêntica de uma inscrição real em Acádico feitas por quatro investigadores independentes (cf. Lion et Michel 2009:89-90). Persépolis seria sujeita às primeiras escavações arqueológicas em 1931 sob direção de Ernest Herzfeld (cf. Roaf *RIA* 10: 395; Mousavi 2012: 159-192).

1. *Um século de mudança*

A partir do séc. XIV chegam à Europa as primeiras notícias sobre as ruínas de Chelminará, mas só no séc. XVII mudanças geopolíticas e culturais criaram condições propícias para alterar a forma como os viajantes Europeus se relacionavam com o complexo e as suas inscrições. Por um lado, a abertura diplomática da dinastia Safávida (1501-1736), o projeto político comum de uma liga ofensiva contra o Império Otomano, a diversificação da presença naval europeia no Oceano Índico e no Golfo Pérsico, e o projeto religioso de aproximação às comunidades cristãs Arménias, levaram à progressiva intensificação de contactos comerciais e diplomáticos entre a Europa e a Pérsia Safávida. Por outro lado, clima intelectual humanista, estimulou esses viajantes a comunicar com o mundo Safávida de um modo mais inquisitivo e motivou a publicação de extensos relatos-de-viagem que, entre descrições geográficas e comentários sobre costumes locais e observâncias religiosas, incluíam notas históricas acerca das antiguidades do país. Se os três séculos seguintes foram instrumentais para a redescoberta científica de Persépolis e da escrita cuneiforme, foi no século XVII que se assistiu ao despertar do interesse Europeu nas ruínas de Chelminará (Čehel Menēr), mais tarde identificadas com Persépolis.⁶

Um dos primeiros Europeus a visitar o complexo no alvorecer desse século foi o padre António de Gouveia (1575-1628). O seu relato estabelece a localização das ruínas, descreve algumas das estruturas arquitetónicas e menciona pela primeira vez a existência de inscrições cuneiformes. Em certa medida, o interesse de viajantes Europeus nas ruínas de Chelminará intensificou-se por agência de Gouveia, o qual publica a sua descrição logo em 1611 e tem oportunidade de interessar pessoalmente o seu sucessor diplomático, García de Silva y Figueroa (1550-1624) no local.⁷

De modo a compreender o contributo de António de Gouveia para redescoberta de Persépolis e da escrita cuneiforme, o presente artigo reavalia a sua descrição no contexto de outros relatos-de-viagem seiscentistas.

6. A identificação deve-se a García de Silva y Figueroa, cf. Loureiro *et alli* 2011: 270.

7. Mousavi 2012: 97; Loureiro *et alli* 2011: 285.

2. António de Gouveia

Quando avista as ruínas no sopé de Kuh-e Rhamat (“Montanha da Misericórdia”), Gouveia tem 27 anos.⁸ António de Gouveia desempenharia funções importantes no seio da sua Ordem e a sua carreira eclesiástica seria promissora.⁹ Tendo nascido em Beja em 1575, Gouveia professa em Lisboa a 4 de Junho de 1591 na Ordem dos Ermitas de Santo Agostinho. Cinco anos mais tarde, parte para Goa onde ensina filosofia e teologia.¹⁰ Entretanto, Gouveia é encarregue pela sua Ordem de escrever a crónica oficial dos esforços apostólicos empreendidos pelo Arcebispo de Goa D. Aleixo de Menezes no sentido de trazer as comunidades cristãs nestorianas da costa do Malabar, vulgo “cristãos de São Tomé”, para a obediência à Santa Sé através do Sínodo de Diamper (mod. Udayamperoor) realizado em 1599.¹¹ A crónica seria publicada em 1606, após a sua primeira visita à Pérsia de que os três últimos capítulos constituem um breve resumo.¹² Com este epílogo, Gouveia apresentava a Pérsia Safávida como o novo teatro missionário da Ordem dos Ermitas de Santo Agostinho, preconizando sucessos idênticos aos obtidos na Costa do Malabar.¹³ Na Pérsia, Gouveia seria missionário e, mais tarde, agraciado com o título de Bispo de Cirene, Visitador Apostólico (1609) tentando uma aproximação às comunidades cristãs Arménias radicadas em território Safávida, mas os sucessos de Diamper não se repetiriam. Em paralelo, Gouveia seria diplomata, encabeçando a nona (1602-1603), décima-primeira (1608-1609) e décima-segunda (1613) embaixadas portuguesas à Pérsia.¹⁴ Uma conjuntura política desfavorável aliada à falta de tacto diplomático resultaram no fracasso da missão Agostiniana e das missões diplomáticas portuguesas junto de Xá ‘Abbās I

8. Ou *Gouvea* segundo a ortografia antiga que ainda é usada em bibliografia não-portuguesa (e.g. Booth 1902:13-17; Mousavi 2012:96-97; Arndt 1984:5-51). A forma deu azo ao aparecimento de algumas corruptelas como *Govea* (Chardin 1811:283) e *Gueca* (Kramer 1963:9).

9. Carreira 1980:88-89.

10. Carreira 1980: 87.

11. Embora radicado em Goa, Gouveia não participou nesta missão. A crónica é escrita com base em documentação coeva e testemunhos de terceiros como Gouveia explica no Prólogo. cf. Gouveia 1606: f.*4v.

12. Gouveia 1606: 137v-152.

13. A dedicação da *Relaçam* a D. Aleixo de Menezes torna explícita esta associação.

14. A décima embaixada seria liderada por Luís Pereira de Lacerda em 1604-1605. Para um resumo desta embaixada veja-se Gulbenkian 1972: 41-48. Haveria ainda uma décima-terceira embaixada, liderada por D. Garcia de Silva y Figueroa em 1621 que igualmente redundaria em fracasso. Cf. Brancaforte 2011.

(1588-1629).¹⁵ Quanto a António de Gouveia, caído em desgraça e contrariando os desejos de Felipe III, regressa por rota terrestre à Península Ibérica onde morre em 1628 em Mançanares de Membrilha.¹⁶

3. *A Descrição de Chelminará*

Estes sucessos e fracassos estavam distantes quando em 1602 o religioso português percorre o caminho entre Xiraz e a província de Coração (mod. Khorasan) e, nos inícios de julho, faz uma paragem em Chelminará. Baseada nesta breve visita, a descrição de Gouveia seria publicada em 1611 como parte da *Relaçam em que se tratam as Guerras e Grandes Victorias que alcançou o grande Rei da Persia Xá Abbas do grão Turco Mahometto, e seu filho Amethe: as quais resultaram das Embaixadas, que por mando da Catholica e Real Magestade del Rei D. Felipe segundo de Portugal fizeram alguns Religiosos da ordem dos Ermitas de S. Augustinho à Persia*.¹⁷

A obra divide-se em três Livros. A primeira parte é tanto um relato-de-viagem, narrando o itinerário de António de Gouveia de Ormuz até Maxed (mod. Meshed) onde chega a 4 de setembro 1602, como uma crónica diplomática da embaixada de 1602-1603. A segunda parte é essencialmente dedicada a assuntos militares, relatando as ofensivas de Xá ‘Abbās I contra os Otomanos entre 1603 e 1609, e livro é provavelmente baseada numa crónica Persa coeva.¹⁸ Por seu turno, a terceira parte da *Relaçam*, é uma crónica religiosa focando assuntos da missão Agostiniana, relatando a aproximação às comunidades Arménias, concluindo com o relato da embaixada de 1608-1609. As ruínas de Chelminará são descritas no décimo capítulo do primeiro livro.

Para a descrição de Persépolis, António de Gouveia pôde contar com três tipos de fontes, a saber: fontes antigas (relatos clássicos e bíblicos); fontes medievais e modernas (relatos-de-viagem); e fontes orais (informações locais). Ao longo da *Relaçam* Gouveia demonstra conhecer fontes antigas referindo tais como Séneca, Josefo¹⁹ e duas versões do cânone Bíblico, nomeadamente a Vulgata e a

15. Cf. Flannery 2013: 55.

16. Carreira 1980: 90.

17. Gouveia 1611. Doravante referida como *Relaçam*. O relato de Gouveia receberia uma edição integral francesa 34 anos após a primeira publicação. cf. Gouveia 1645.

18. Cf. Loureiro 2011: 248-259.

19. E.g. Gouveia 1611:70v., 142; cf. Loureiro 2011: 260.

Septuaginta.²⁰ Descrevendo Chelminará, Gouveia ecoa opiniões de “antigos escritores” em assuntos de cariz geográfico e histórico sem fornecer nenhuma referência concreta.²¹

Por exemplo, notando que a cidade velha de Xiraz havia sido destruída às mãos de Alexandre Magno, Gouveia confunde a protagonista da história sobre o incêndio de Persépolis, Thais²² com Campespe.²³ Este nome é uma derivação de Pamcaspen, outra favorita de Alexandre Magno que Plínio o Velho refere ter sido modelo do pintor Apelles.²⁴ A confusão, parece sugerir uma preferência pelo uso de obras latinas.²⁵ Em comparação, autor apela a fontes bíblicas com maior segurança. Sem fazer uma citação clara, Gouveia especula que as ruínas de Chelminará seriam as sepulturas de Assuero e da rainha Vasti, acrescentando como argumento decisivo “a pouca distância que há deste sítio à cidade de Suzis, ou Suzan (i.e. Susa, mod. Shushtar) em que ele de ordinário residia.”²⁶ A fonte destes “indícios” é o Livro de Ester, onde tanto a referência a Susa como capital e os nomes de Assuero ou Artaxerxes e Vasti figuram.²⁷

Para além de fontes antigas, é plausível que Gouveia estivesse informado de algumas das esparsas notícias que a partir da Alta Idade Média começam a chegar à Europa. A primeira menção do complexo a ser conhecida na Europa Medieval foi uma breve nota de Odorico de Padernone (ca. 1289-1331) que terá visitado o local no séc. XIV. Este missionário pioneiro refere uma cidade amuralhada com vários palácios inabitados a que chama Couvini, Como, Comerum²⁸ que provavelmente se

20. Carreira 1980: 93.

21. E.g. Gouveia 1611: 31.

22. O incêndio e destruição de Persépolis por sugestão de Thais é relatado por Diodoro Sículo (*The History of the World*: XVII, 72), Quintus Curtius Rufus (*History of Alexander*: V. vii), e Plutarco (*Lives VII Alexander*: XXXVIII).

23. Gouveia 1611: 26

24. Pliny 1938, Livro XXXV: 85-87.

25. Em alternativa, Gouveia pode ter tido acesso à informação por fontes terceiras, nomeadamente por via do relato de Giovanni Lorenzo d’Anania (1582), que igualmente refere o episódio com Campaspe por protagonista. cf. Invernizzi 2005: 145-146.

26. Gouveia 1611:31 v.

27. E.g. Ester 2: 1-9; cf. Carreira 1980:93.

28. O topónimo difere consoante manuscritos e publicações. Os manuscritos das traduções francesas de Odorico por Jean de Vignay usam *Couvini*, *Couvim* e *Couvimi* embora os manuscritos latinos usem *Comum*, *Comam* e *Comerum* (cf. Trotter 1990:8, 95 n. 33). Em Ramusio (1967: f. 106, 117) o topónimo é registado *Como* no texto de Odorico e de Barbaro. A reedição de Barbaro regista o topónimo como *Camara* (cf. Lockhart *et alli* 1973: 147, 291 n.324). Em alternativa o topónimo pode

refere à moderna vila de Kenareh.²⁹ No século seguinte, o veneziano Giosafat Barbaro (ca. 1413-1494) publica outra descrição. Barbaro acrescenta a designação local do complexo Cilmynar (Čehel Menēr), e explica o seu significado: 40 colunas. É plausível que a sua descrição tenha sido uma das fontes para o plano e fachada reconstruídos por Sebastiano Serlio em 1540, embora a discrepância no número de colunas possa indiciar outras fontes.

No último quarto do séc. XVI, o relato de uma expedição inglesa à Pérsia é publicado por Richard Hakluyt em 1589.³⁰ É curiosa inclusão do topónimo “Persépolis” três décadas antes da sua identificação por Figueroa.³¹ Porém, é improvável que Geoffrey Ducket tivesse passado por Chelminará. Feita por via terrestre entre 1569-1574 a informação desta expedição é baseada no relato oral de Lionel Plumtree quinze anos após os eventos. Para além da falibilidade da fonte, o itinerário situa Persépolis entre Shamakhi (no actual Azerbaijão) e Kashan (no actual Irão). A localização mais próxima é a cidade de Kashan que, no entanto, se situa a cerca de 400 quilómetros a norte de Persépolis. É pois certo que a referência a Persépolis é errónea.³² É certo que Gouveia conhecia o relato-de-viagem de Giosafat Barbaro já que o menciona explicitamente em referência a Xiraz.³³ De contrário, não há indícios de que conhecesse a nota de Odorico, o duvidoso relato de Ducket ou o desenho de Serlio.

Finalmente, Gouveia incorpora na sua narrativa informações locais de cariz oral, as quais estariam acessíveis por intermédio de interpretes.³⁴ Tais fontes podem estar na origem da tradução independente do topónimo Čehel Menēr por “quarenta alcorões”, ao passo que Barbaro a traduzira como “40 colunas”.³⁵ A nota acerca da delapidação intencional das ruínas às mãos da população local terá tido semelhante origem.³⁶

ter surgido de uma corruptela de Kuh-e Mehr uma designação de Kuh-e Rahmat cf. Mousavi 2012:10 n.8; 95 n.5.

29. Em relação a uma possível identificação com Bishapur *vide* Mousavi 2012:95-96.

30. Hakluyt 2014: 150-157.

31. Hakluyt 2014: 154.

32. Tanto Sancisi-Weerdenburg (1991:4-5) como Achour-Vuurman (2015:26) assumem que a identificação com Persépolis é correcta com base na descrição geográfica.

33. Gouveia 1611: 26.

34. Embora o seu domínio da língua Farsi viesse a ser apontado por ocasião da sua segunda viagem, não é certo que Gouveia falasse a língua no decurso da sua primeira viagem. Cf. Loureiro 2011: 253 n. 19.

35. Gouveia 1611: 30v-31; Lockhart *et alli* 1973: 149.

36. Gouveia 1611: 32.

Comparado com as notícias anteriores, o relato de António de Gouveia possui uma maior extensão tendo o autor dedicado cerca de três fólios à descrição das ruínas de Chelminará; a qual preenche a segunda parte do capítulo décimo do primeiro livro da *Relaçam*.³⁷ Nesta descrição Gouveia confirma a localização das ruínas e a sua designação coetânea, e oferece novas informações chamando atenção para vários elementos do complexo que não haviam sido previamente referidos. A narrativa não é exaustiva nem clara. “(...) indistinta y confusamente, (...)”, como a classifica Figueroa,³⁸ a narrativa gera dificuldades para a identificação dos elementos arquitetónicos que descreve. Porém, a descrição de Gouveia não é informe, possuindo uma estrutura e uma lógica própria.

Esta estrutura desenvolve-se em dois níveis. O primeiro nível consiste numa lógica cronológica e espacial. O leitor acompanha o percurso de Gouveia desde a aproximação pela planície, às ruínas no sopé do monte, até aos túmulos na colina de Khu-e Rhamat. O segundo nível revela uma estrutura que emerge de um paradigma categórico. Sob esta lógica Gouveia elenca categorias temáticas no seio das quais descreve assuntos e elementos que se equiparam ou assemelham. No primeiro nível, a divisão entre os três espaços é em geral respeitada. Por oposição, no segundo nível as categorias não são estanques permitindo o encadeamento entre categorias e a presumível justaposição de vários elementos arquitetónicos. Tal facto produz um efeito de desorientação espacial que dificulta identificação dos elementos descritos.

Apesar desta organização peculiar, o conteúdo da descrição é abrangente. Ao todo, quatorze pontos de interesse são abordados por Gouveia, nove dos quais descrevem elementos arquitetónicos (escadaria principal; “umas capelinhas”; escadarias de acesso ao Apadana ou à Sala do Conselho; terraço; colunas e capitéis; Pórtico de Todas as Nações e seus colossos; túmulos; baixos relevos; proeminência da figura real; inscrições cuneiformes), enquanto os restantes cinco focam questões de contexto e interpretação (nome corrente; descrição geográfica; função e identificação com Persépolis ou Ciropolis; conteúdo das inscrições; estado de conservação). Analisemos estes pontos com maior atenção, de forma a compreender a correspondência entre a descrição de Gouveia e os vestígios arqueológicos presentes no local.

No primeiro espaço, o autor descreve a aproximação ao local e trata de assuntos relacionados com a interpretação global do complexo. Gouveia explica

37. Gouveia 1611: 30v-32.

38. Loureiro *et alli* 2011: 385.

que o nome dado às ruínas, Chelminará, significava “quarenta alcorões” ou colunas e presume que o mesmo nome teria sido atribuído à aldeia em virtude da sua proximidade com a “sepultura” arruinada. É provável que esta seja a actual aldeia de Kenareh, situada a escassos três quilómetros do sítio arqueológico de Persépolis, a qual está igualmente na origem das derivações *Comero* e *Camara* referidas por Odorico e Barbaro.³⁹

De seguida, António de Gouveia faz uma descrição geográfica da planície de Marv Dašt dando uma localização precisa do complexo monumental.⁴⁰ O autor descreve a planície como fértil, vasta e ocupada por “cerca de trezentas pequenas aldeias”. Mais informa que a região Marv Dašt e Yezd era a mais fértil que encontrara nas suas viagens pela Pérsia Safávida já que, mercê dos diversos aquíferos, se produzia ali “muita fruta” e “abundantes de todo o género de mantimentos”. Gouveia estima que a planície tivesse “mais de oito léguas de circuito” e nota que é cruzada pelo rio Bondamiro (Band-e Amir) e delimitada por duas serras altas. Adicionalmente, Gouveia esclarece que a “sepultura” se encontrava no sopé da serra que se “demora para a parte do norte”. Esta indicação não é correta. Persépolis está de facto localizada no sopé de uma montanha (Kuh-e Rahmat), mas esta projeta-se para sudeste e não para norte. É possível que Gouveia tenha justaposto à descrição de Persépolis a de Naqš-e Rostam (“Face de Rustam”), local que se situa numa montanha vizinha a qual de facto se projeta para norte.⁴¹

Gouveia ostenta poucas dúvidas quanto à função do complexo, referindo-se-lhe quatro vezes como “sepultura” e estabelecendo uma analogia com o famoso Mausoléu de Halicarnasso.⁴² Contudo, quando Gouveia passa a descrever as estruturas no terraço, deixa de usar esta designação e prefere referir-se-lhe por meio de termos mais neutrais, tais como “machina” ou “obra”. Em seu entender, a obra teria sido construída por um grande rei. A atribuição a Ciro parece ser a opinião em voga, mas a atribuição ao rei bíblico Assuero (ou Artaxerxes) seria mais acertada para Gouveia, o qual prefere deixar em aberto esta questão, consciente da necessidade de “averiguar quem fosse o autor desta obra”.⁴³

39. Gouveia 1611: 30v -31 l.1; Trotter 1973:95 n. 33; Lockhart *et alli* 1973 291 n.324.

40. Gouveia 1611: 31 ll. 3-15; 21-28.

41. Também Barbaro confunde ambos os locais, descrevendo o símbolo alado de Ahura-Mazda, presente nos túmulos de Dario I e de Xerxes, e um cavaleiro, que provavelmente se trata do relevo do rei sassânida Shapur I (ca. 241-272 a.C.). *Vide* Lockhart *et alli* 1973: 149; 282 n.327. Para uma breve descrição de Naqš-e-Rostam veja-se Garrison 2017: 387-391.

42. Gouveia 1611: 31 ll. 15-21.

43. Gouveia 1611: 31-31v.

Outra questão que António de Gouveia deixa sem resposta é a da putativa identificação do local com Persépolis ou Ciropolis. Em boa verdade, o autor não aplica o topónimo clássico em nenhuma parte do capítulo. Para mais, Gouveia identificara Xiraz como a capital dos Persas no capítulo precedente atribuindo a Ciro II (ca. 550-530 a.C.) a sua edificação e a Alexandre Magno (ca. 336-323 a.C.) uma das suas várias destruições.⁴⁴ O seu argumento centra-se na grande antiguidade de Xiraz e no facto de ainda nessa época ser a capital da província de Fārs. Apesar da sua opinião pessoal, Gouveia não deixa de reconhecer os méritos de opiniões contrárias, dando voz às posições de Barbaro e de outros autores não identificados. Primeiro, referindo-se à dimensão de Xiraz, refuta as estimativas de Barbaro que propusera que Xiraz ocuparia uma circunferência de cerca de 20 milhas ou 7 léguas (ca. 34 km), obstando que as serras adjacentes à cidade limitariam a sua extensão.⁴⁵ Mais adiante, Gouveia alude a dois outros argumentos que entende como válidos para uma possível identificação de Chelminará com a antiga cidade de Xiraz (i.e. Persépolis), especificamente a designação alternativa do local como “cidade velha”, e o facto de o rio Pulvâr, tributário do rio Kur, (a que chama Bondamiro) estar próximo do local e não da atual Xiraz.⁴⁶

Posto isto, o autor passa do primeiro para o segundo espaço focando agora a sua atenção nos vestígios do complexo no sopé de Kuh-e Rahmat (fig. 1). O primeiro elemento arquitetónico descrito trata de “duas escadas fronteiras uma da outra com muitos degraus”. Em Persépolis existem duas escadarias duplas e simétricas, formando um efeito de diamante ou losango, nomeadamente: a escadaria principal que dá acesso ao terraço e ao Pórtico de Todas as Nações; e a escadaria de acesso à Sala do Conselho. Gouveia parece referir-se a ambas. Por um lado, descreve a escadaria principal informando que estas desemboca num “tabuleiro” e referindo as “pedras tão grandes” que compõem esse terraço. Por outro lado, o autor não faz referência imediata ao Pórtico e refere que as suas paredes estavam “cobertas de muitas figuras de relevo”.⁴⁷ Contudo, a escadaria principal, conforme se acha reconstruída hoje e como é representada nas estampas

44. Gouveia 1611: 25v-26.

45. Gouveia 1611: 26.

46. Gouveia 1611: 31. O hidrónimo *Bondamiro* (*Bindamyr* em Lockhart *et alli* 1973:149; *Bramiro* em Figueroa cf. Loureiro *et alli* 2011:268-269) deriva de uma das represas do rio Kur em Band-e Amir. cf. Chardin 1811: 235.

47. Gouveia 1611: 31 v ll. 6-8, l. 24.

de Chardin,⁴⁸ está desprovida de qualquer relevo, ao contrário da escadaria que dá acesso à Sala do Conselho.

Neste ponto da narrativa que Gouveia faz uma descrição enigmática. O autor descreve umas *capelinhas*: “O que mais nos admirou foi ver, que de uma só pedra estavam feitas algumas capelinhas, entrada, pavimento, paredes: e tecto (...)”.⁴⁹ Figueroa e Pietro della Valle (1586-1652) não mencionam nada de semelhante.⁵⁰ Jean Chardin (1643-1713), que visita o local em 1666, procura resolver o enigma dando conta que não era possível localizar em Persépolis nenhuma capelas seguindo esta descrição.⁵¹

Três considerações ajudam a desvendar a que elemento arquitetónico se referia Gouveia. Em primeiro lugar, Chardin usa o termo “chappelles” ao passo que Gouveia usa o diminutivo “capelinhas”. A deturpação do termo, que tem origem na primeira versão Francesa da *Relaçam* publicada em 1645,⁵² leva Chardin a estimar elementos de grandes dimensões que teriam produzido uma massa de escombros de cerca de 10 pés (ca. 3 metros) e que, manifestamente, não se acham presentes nas palavras de Gouveia.

Em segundo lugar, deve-se ter em conta o posicionamento do elemento arquitetónico na narrativa. Gouveia insere esta nota entre a discussão sobre a dimensão das pedras usadas na superestrutura do terraço e antes de se referir às figuras-de-relevo presentes nas escadarias do complexo. A localização destas “capelinhas” deve ser identificada ou no terraço, ou nas escadarias, ou em ambos.

Em terceiro lugar, Gouveia apela a uma analogia com o Pagode de Canarí sito na Ilha de Salsete próximo de Goa. Por um lado, a analogia é negativa já que as “capelinhas” de Persépolis são diferentes das cavernas de Canarí em três pontos: 1) são talhadas em pedra dura; 2) têm uma menor dimensão; 3) não se encontram escavadas na serra. Estas características desqualificam uma identificação com os túmulos escavados no monte Kuh-e Rahmat. Por outro lado, a comparação é positiva uma vez que alguma semelhança sugeriu a Gouveia tal analogia. É possível que a comparação tenha sido sugerida por um elemento arquitetónico específico, provavelmente, os pequenos nichos escavados no sistema de cavernas vizinhas ao Pagode de Canarí (fig. 2).

48. Cf. Chardin 1811: pl. LV. Veja-se <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b23000722/f58.item>.

49. Gouveia 1611: 31v.

50. Figueroa interpreta este comentário como referente à escadaria no seu todo. Mais adiante, o mesmo autor descreve as ameias decorativas do complexo. Loureiro *et alli* 2011: 270-271.

51. Chardin 1811: 283.

52. Gouveia 1645: 80.

Em suma, António de Gouveia referia-se a um elemento arquitetónico de pequenas dimensões, localizado nas escadarias ou no terraço, várias talhadas em um só bloco de pedra dura e de algum modo semelhante aos nichos das cavernas de Canarí. Presumivelmente, Gouveia descrevia as ameias decorativas que encimavam as escadarias e estruturas do complexo monumental (fig. 3).⁵³

O próximo ponto que a descrição de Gouveia foca é o Apadana. Gouveia chama a atenção para a presença de figuras-de-relevo nas escadarias de acesso e para o facto de ser esta a localização das quarenta colunas.⁵⁴ O autor descrever as colunas “muito grandes” mas constituídas por “três pedras somente” com cerca de “trinta palmos de roda” e nota que nos seus capitéis estavam “fermosas figuras de vulto”.⁵⁵

Da iconografia dos capitéis, Gouveia passa a descrever a iconografia presente nos pórticos e nas várias escadarias. É nesta categoria que o autor descreve o Pórtico de Todas as Nações (ou de Xerxes) referindo-se à sua altura, função de acesso ao terraço, à profundidade dos umbrais. Em paralelo, Gouveia refere a representação de *lamassu's*⁵⁶ (fig. 4) “(...) e outras delas saiam leões, e outros animais ferozes, revelados na mesma pedra, também lavrados que pareciam que ainda queriam meter medo.”⁵⁷ Estas representações de espíritos protetores, a um tempo *lavradas e relevadas*, podem ser identificadas em Persépolis no referido Pórtico de Todas as Nações, no Pórtico Inacabado e nos dois lados do átrio de acesso à Sala do Trono ou Salão das 100 colunas. No entanto, nenhum destes colossos representa um leão, mas sim figuras híbridas com cabeças humanas ou taurinas. Ou o seu estado de delapidação sugeriu esta interpretação, ou Gouveia introduz uma nova sobreposição entre os *lamassu's* e os leões talhados em baixo-relevo que figuram nos frisos das escadarias do Apadana e de outros edifícios. Prossequindo a descrição de baixos-relevos Gouveia refere a preponderância da figura real: “O Rei estava tirado pelo natural, assim nos portais, como em outras muitas partes”.⁵⁸ A referência à figura real nos portais pode ser identificada, por exemplo, nos pórticos de acesso à Sala do Trono.

53 Gouveia 1611: 31v ll. 16-24. Sobre a função simbólica destas ameias indentadas veja-se Garrison 2017: 296-316.

54. Gouveia 1611: 31v 24-31.

55. Gouveia 1611: 31v ll.24-33; 32 ll. 1-2.

56. Cf. CAD L: 64-65.

57. Gouveia 1611: 32 ll.4-7.

58. Gouveia 1611: 32 ll. 7-8.

Agora, a narrativa transita para o terceiro espaço, nomeadamente para a encosta de Kuh-e Rahmat. Mencionando dois túmulos escavados na vertente, Gouveia atribui o túmulo mais próximo ao rei Assuero e o mais distante à rainha Vasti. Sabemos hoje que ambos os túmulos pertencem a Artaxerxes III (358-338 a.C.) e a Artaxerxes II (404-359 a.C.), respetivamente. A existência de um terceiro túmulo, conhecido hoje como Túmulo Inacabado, a sudeste do complexo não foi notada por Gouveia.⁵⁹

Abrindo uma nova categoria, Gouveia menciona a existência de inúmeras inscrições epigráficas espalhadas pelo complexo. Supondo acertadamente que entre os conteúdos destas epígrafes se encontraria a resposta da função e do autor, Gouveia lamenta o facto de essa informação se achar perdida uma vez que: “As letras que declaram a fundação desta machina, e deviam também declarar quem foi o autor dela, ainda que estão em muitas partes mui distintas; toda via não há quem as leia, porque não são Persas, nem Arábicas, nem Arménias, nem Hebraicas, que são as que hoje correm por aquelas partes”.⁶⁰ De facto estas epígrafes utilizam um sistema de escrita não-cursivo denominado cuneiforme, que é bastante destinto dos tipos referidos por Gouveia e cuja denominação provem da característica forma de cunha dos traços verticais, horizontais e diagonais que formam os seus caracteres. O sistema fora adaptado por Dario I para servir de suporte ao Persa Antigo, e usado em Persépolis para gravar inscrições trilingues em Persa Antigo, Elamita e Babilónico. Cerca de 19 inscrições cuneiformes foram identificadas no complexo datadas dos reinados de Dario I (522-486 a.C.), Xerxes I (485-465 a.C.), Artaxerxes I (464-424 a.C.) e Artaxerxes III (358-338 a.C.).⁶¹

Por fim, Gouveia regista o estado de conservação e o motivo aparente da delapidação: “E porque a dureza da matéria de que esta machina era composta, ia resistindo de maneira ao tempo que parece lhe podia prejudicar pouco: os moradores do lugar oprimidos, ou enfadados da muita gente que vinha ver esta maravilha, se armaram muitos dias contra ela trabalhando tanto em a desfazer, quanto por ventura se trabalhou em a edificar, porque a dureza, e grandeza das pedras resistia muito à fúria do fogo, e do ferro, (...)”.⁶²

Apesar do seu conteúdo abrangente, a descrição de António de Gouveia é incompleta. De um modo geral, a descrição carece de um sentido espacial que

59. Gouveia 1611: 32 ll. 8-14. Relativamente à atribuição, atualize-se Carreira 1980:96. cf. Roaf *RIA* 10:406-407.

60. Gouveia 1611: 32 ll. 15-21.

61. Cf. Roaf *RIA* 10: 400.

62. Gouveia 1611: 31 ll.19-21; 32 l.11-13; ll. 24-32.

clarifique a existência de diversas estruturas e a sua localização no terraço e no complexo em geral. Também ausente está um suporte iconográfico que desse corpo à viva imagética sugerida ao longo do relato. Para além disso, enquanto que alguns dos conteúdos que aflora carecem de informação mais detalhada, outros elementos arquitetónicos não são sequer referidos. Por exemplo, as inúmeras figuras humanas que compõem o cortejo de tributários nas escadarias do Apadana, ou a presença de inscrições e grafitos do período Parto, Sassânida e Islâmico⁶³ são ignoradas pelo autor.

4. *No rasto de Gouveia*

Com a *Relaçam* António de Gouveia procurou atingir uma dupla audiência, nomeadamente um público religioso e outro leigo. Por um lado, no prefácio que dirige ao “Pio Leitor”, Gouveia clarifica que o seu principal objectivo é apresentar uma crónica completa e exata da jornada missionária dos Ermidas de Santo Agostinho à Pérsia para “que com a grandeza de tal empresa se excitem muitos, para nos serem companheiros nela.”⁶⁴ O uso profuso de fontes bíblicas, o comentário sobre festas e observâncias religiosas islâmicas, a narração de pregações e conversões também indicam a procura de um público religioso e, porventura, pertencente à sua própria ordem.⁶⁵ Por outro lado, o autor procurou captar a atenção de um público-alvo leigo. O uso de uma panóplia diversificada de fontes escritas clássicas e coetâneas, a narração de reencontros militares e encontros diplomáticos, bem como a transcrição integral de missivas entre Xá ‘Abbās e Felipe III procuram elucidar um público letrado com interesse político. Este público seria em primeira instância a corte Ibérica, e, numa segunda instância, as restantes cortes Europeias empenhadas no projeto da liga ofensiva contra o poderio Otomano.

Em qualquer caso, a *Relaçam* acabaria por cativar outras audiências, entre as quais públicos com um interesse antiquário. Mais concretamente, no caso das ruínas de Persépolis, alguns dos viajantes que se lhe seguiriam durante o séc. XVII. A Gouveia sucede-se Figueroa, diplomata espanhol que visita o local sete anos após a publicação de Gouveia (1618). Por contacto pessoal e através do relato

63. Mousavi 2012: 73-94. As inscrições não-cuneiformes seriam mencionadas por Figueroa (Loureiro *et alli* 2011: 281) e publicadas por Chardin em 1711 (Chardin 1811: pl. LXIX-LXXIII).

64. Gouveia 1611: [s/n].

65. Veja-se a título de exemplo a exortação em que Gouveia elogia os sacrifícios missionários em comparação com a clausura monástica. Gouveia 1611: 30v.

escrito de Gouveia, Figueroa está alertado da existência e da localização do complexo. Figueroa expande a descrição de Gouveia, descreve pormenorizadamente alguns elementos, produz as primeiras representações gráficas do sítio e, acima de tudo, identifica Čehel Menēr com Persépolis.⁶⁶ Poucos anos após Figueroa, Pietro della Valle visita Persépolis na sua viagem de retorno à Europa (1621) e corrobora algumas das interpretações de Figueroa incluindo a identificação do local. Mas a sua contribuição mais relevante foi a cópia de cinco caracteres cuneiformes e a correta suposição da direcção de escrita (esquerda-direita).⁶⁷

Após 1622, a abertura do Golfo Pérsico a navios Ingleses, Holandeses e Franceses e o fim da presença portuguesa em Ormuz facilitou o afluxo de viajantes com formações e objetivos diversos. De entre estes novos visitantes destaca-se Jean Chardin que visita Persépolis em pelo menos três ocasiões (1666, 1667, 1674). Chardin e oferece uma extensa e detalhada descrição do complexo monumental e publica diversas estampas as quais reproduzem de modo fidedigno as estruturas e os baixos-relevos. Entre outras contribuições, Chardin descreve com pormenor os relevos da escadaria principal do Apadana, e, se conclui erroneamente que se trata de uma procissão sacrificial que incluiria sacrifícios humanos, identifica a presença de grupos oriundos várias partes do império.⁶⁸ Outra contribuição de Chardin foi a publicação parcial de algumas inscrições cuneiformes.⁶⁹

Dois séculos mais tarde, a descrição de António de Gouveia seria redescoberta por intermédio de um novo público, nomeadamente por assiriólogos e historiadores da Antiguidade interessados em retratar a redescoberta de Persépolis e do cuneiforme.⁷⁰

5. *O contributo de Gouveia*

Em conclusão, o relato de António de Gouveia reveste-se de uma importância ao mesmo tempo real e simbólica. Uma importância real, uma vez que a sua descrição das ruínas de Chelminará, difundida por meio de uma publicação

66. Cf. Loureiro *et alli* 2011: 269.

67. Della Valle 1650: 253.

68. Chardin 1811: 258-266.

69. A obra de Chardin seria publicada em 1711. Nesse mesmo ano, uma cópia completa de uma inscrição do Apadana seria publicada pelo do pintor Holandês Cornelis de Bruyn. cf. Mousavi 2012: 106-108; Achour-Vuurman 2015:35-37.

70. Booth 1902: 13-17; Kramer 1963: 9; Carreira 1980; Mousavi 2012:96-97.

impresa atempada e de contactos pessoais, suscitou o interesse de novos viajantes. Uma importância simbólica, porque a sua descrição marca um ponto-de-viragem na relação dos Europeus com as ruínas de Chelminará.

Embora confusa, a sua descrição é abrangente e pertinente. Estruturando o seu relato em dois níveis (espacial e categórico), no primeiro nível, Gouveia define os três grandes espaços que definem o complexo e especula acerca de cinco questões de contexto e interpretação, e, no segundo nível, descreve ou enuncia sete elementos arquitetónicos. Alguns destes elementos são mencionados em primeira-mão por António de Gouveia, tais como as ameias decorativas e as inscrições cuneiformes. Os relatos que lhe sucederam ao longo do séc. XVII, pela mão de Figueroa, della Valle, e Chardin detalharam e completaram esta descrição, documentaram visualmente o complexo e a escrita cuneiforme, e resolveram questões levantadas por Gouveia.

No seu conjunto, as descrições destes quatro pioneiros desvendaram Persépolis. Entre eles, António de Gouveia ocupa um lugar de charneira. Mais informativo que as breves notícias anteriores e estabelecendo o padrão para as descrições que se lhe seguiram, o seu relato constituiu o primeiro passo para a aventura internacional plurissecular que foi a redescoberta científica de Persépolis e o deciframento da escrita cuneiforme.

6. Bibliografia

- Achour-Vuurman, C.J.M. (2015) *Fascinatie voor Persepolis: Europese perceptie van Achaemenidische monumenten in schrift en beeld, van de veertiende tot het begin van de twintigste eeuw*. Gronsveld: Barjesteh van Waalwijk van Doorn & Co's Uitgeversmaatschappij.
- Arndt, H. (1984) *Persepolis. Entdeckungsreisen in die Vergangenheit*. Stuttgart: Thienemann, Edition Erdmann. pp. 47-68.
- Lockhart, L. et alli (1973) *I Viaggi in Persia degli ambasciatori veneti Barbaro e Contarini* (Il Nuovo Ramusio; raccolta di viaggi, testi e documenti relativi ai rapporti fra L'Europa e l'Oriente ; v. 7). Roma: Istituto poligrafico dello Stato, Libreria. pp. 148-159.
- Booth, A. (1902) *The discovery and decipherment of the trilingual Cuneiform inscriptions*. London.
- Brancaforte, E. (2011) "The encounter between Pietro Della Valle and García de Silva y Figueroa at the Safavid Court of Shah 'Abbas I" in Loureiro, R.; Resende, V. (eds.); *Estudos sobre Don García de Silva y Figueroa e os*

- “Comentarios” da embaixada à Pérsia (1614-1624). Vol. 4, Lisboa: Centro de História de Além-Mar. pp. 395-409.
- Carreira, José Nunes (1980) António de Gouveia e a Escrita Cuneiforme, in: *Do Preste João às ruínas da Babilónia : viajantes Portugueses na rota das civilizações orientais*. Lisboa: Editorial Comunicação, 83-94.
- Chardin, J. (1811) “Premier Voyage de l’auteur d’Ispahan a Bander-Abassi, et son retour a Ispahan” en *Voyages du Chevalier Chardin en Perse, et autres lieux de l’Orient, enrichis d’un grand nombre de belles figures en taille-douce, représentant les antiquités et les choses remarquables du pays*, vol. 8 Paris: Le Normant, pp. 174-519.
- Flannery, J. M. (2013) *The Mission of the Portuguese Augustinians to Persia and Beyond (1602-1747)*. Boston: Brill.
- Garrison, M. (2017) “The Tower Structure” in *The ritual landscape at Persepolis: Glyptic imagery from the Persepolis fortification and Treasury archives*. Chicago, Illinois, The Oriental Institute of the University of Chicago. pp. 296-316.
- Gulbenkian, R. (1972) *L’ambassade en Perse de Luis Pereira de Lacerda et des Pères portugais de l’Ordre de Saint-Augustin, Belchior dos Anjos et Guilherme de Santo Agostinho, 1604-1605*. Lisbonne, Comité national portugais pour la célébration du 2500e anniversaire de la fondation de la monarchie en Iran. pp. 21-38; 41-48.
- Gouvea, A. (1645) *Relations des grandes guerres et victoires obtenues par le roy de Perse Cha Abbas contre les empereurs de Turquie Mahomet et Achmet son fils, en suite du Voyage de quelques religieux de l’Ordre des Hermites de S. Augustin, envoyez en Perse par Dom Philippe II Roy de Portugal*. Rouen, pp. 78-82.
- Gouveia, A. de (1606) *Jornada do Arcebispo de Goa Dom Aleixo de Menezes Primaz da India Oriental, Religioso da Ordem de S. Agostinho. Quando foi as Serras do Malauar, & lugares em que morão os antigos Christãos de S. Tomé, (...)*. Coimbra: Diogo Gomez Loureyro.
- Gouveia, A. de (1611) *Relaçam em que se tratam as Guerras e Grandes Victorias que alcançou o grande Rei da Persia Xá Abbas do grão Turco Mahometto, e seu filho Amethe: as quais resultaram das Embaixadas, que por mando da Catholica e Real Magestade del Rei D. Felipe segundo de Portugal fizeram alguns Religiosos da ordem dos Ermitas de S. Augustinho à Persia*. Lisboa: Pedro Crasbeeck, ff. 25-32.
- Hakluyt, R. (2014) “The fifth voyage into Persia of M. Thomas Banister and master Geoffrey Ducket, Agents for the Moscovie Companie, begun from England in the yeere 1568 and continuing to the yeere 1574 following.” in *The Principal*

- Navigations Voyages Traffiques and Discoveries of English Nation*. vol. IV. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 150-157.
- Invernizzi, A. (2005) *Il genio vagante: Babilonia, Ctesifonte, Persepoli in racconti di viaggio e testimonianze dei secoli XII-XVIII*. Alessandria: Ed. Dell'Orso. pp. 105-106; 145-146.
- Kramer, S. N. (1963) "Archaeology and Decipherment" in *The Sumerians: Their history, culture and character*. Chicago, Illinois: University of Chicago Press. pp. 3-32.
- Lion, B., et Michel, C. (2009) "Jules Oppert et le syllabaire akkadien" in *Histoires de déchiffrements : Les écritures du Proche-Orient à l'Egée*. Paris: Errance. pp. 81-93.
- Loureiro, R., et alli (2011) *Comentarios de la embaxada à al rey Xa Abbas de Persia (1614-1624)*. Vol. I. Lisboa: Centro de História de Além-Mar. pp. 266-286.
- Loureiro, R. (2011) "The Persian Ventures of Fr. António de Gouveia" in Matthee, Rudolph P., Flores, Jorge. *Portugal, the Persian Gulf and Safavid Persia*. col. Acta Iranica 52. Leuven [etc.]: Peeters. pp. 249-264.
- Mousavi, A. (2012) *Persepolis: Discovery and Afterlife of a World Wonder*. Boston [etc.]: De Gruyter.
- Pliny the Elder (1938) *Natural History*, Vol. IX: Book XXXV: 85-87. Translated by H. Rackham. col. Loeb Classical Library. Cambridge, MA: Harvard University Press. pp. 322-325.
- Ramusio, G. (1967 [facsimile 1581]). *Navigazioni et viaggi*. vol. II. R.A. Skelton et George B. Parks (eds.) Mundus Novus. Amsterdam.
- Roaf, M. (2003-2005) "Persepolis" in Ebeling, Erich; Weidner, Ernst F. (eds.) *Reallexikon der Assyriologie und vorderasiatischen Archäologie [RIA]* vol. 10. Berlin ; [München]. pp.393-412.
- Sancisi-Weerdenburg, H. (1991) "Introduction. Through travellers' eyes: the Persian monuments as seen by European travellers" in Sancisi-Weerdenburg, H.; Drijvers, J. W.; (1991): *Through travellers' eyes: European travellers on the Iranian monuments*. Achaemenid History 7. Leiden: Nederlands Instituut voor het Nabije Oosten, pp. 1-35.
- Serlio, S. (1540) *Libro I-VI d'architettura*. Vicenza: Jac. de'Franceschi. pp. C-CI.
- Tilia, A. Britt (1972) *Studies and restorations at Persepolis and other sites of Fārs*. Roma: IsMEO.
- Trotter, D. (1990) *Les merveilles de la terre d'outremer: Traduction du XIVe siècle du récit de voyage d'Odoric de Pordenone (Textes littéraires; 75. 830840796)*. Exeter: University of Exeter.
- Della Valle, P. (1650) "Lettera XV" in *Viaggi di Pietro della Valle il Pellegrino descritti de lui medesimo in 54 lettere familiari all'erudito suo amico Mario*

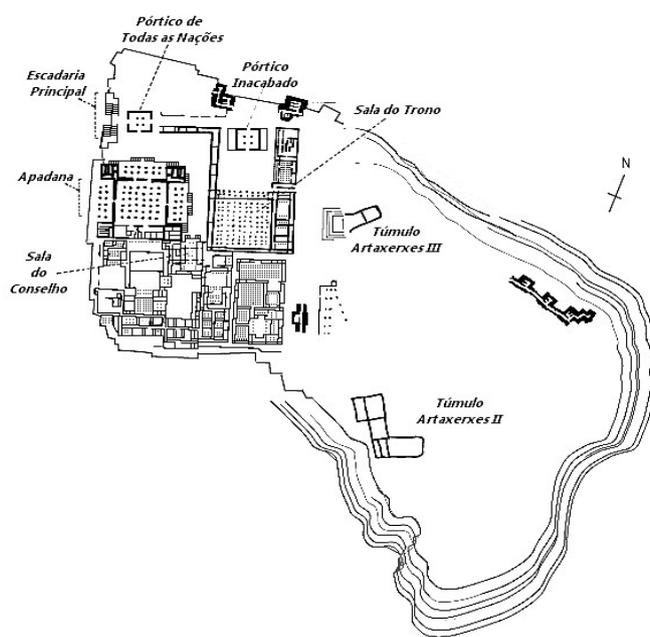


Fig. 1. Plano de Persépolis (adaptado de Roaf RLA 10: 397).



Fig. 2. Nichos nas cavernas de Canarî (mod. Kanheri) na ilha de Salsete. (fonte https://en.wikipedia.org/wiki/Kanheri_Caves#/media/File:Kanheri_cave_90_sculpture_left_wall.jpg Fotografia de Isabell Schulz. CC BY-SA 2.0).

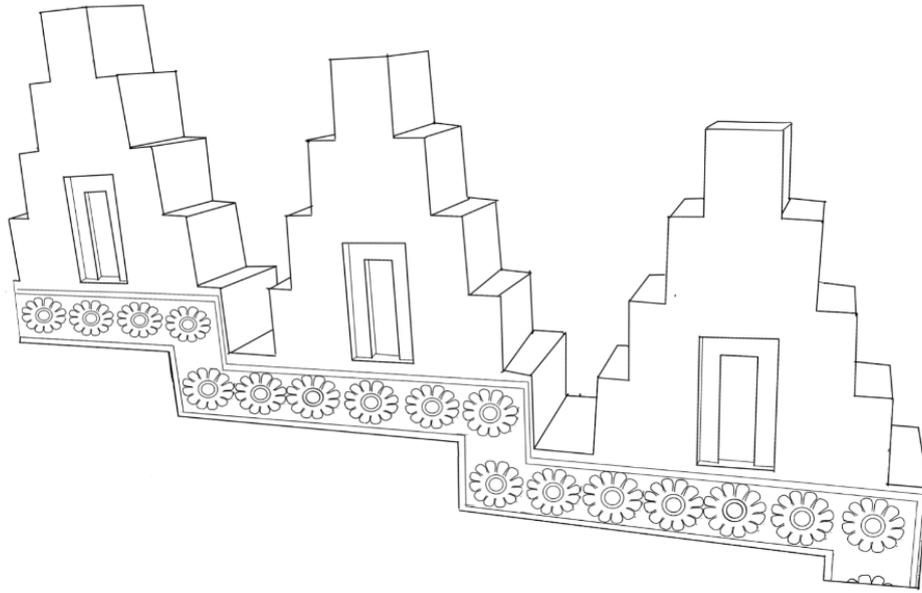


Fig. 3. Ameias decorativas (Apadana, Persépolis).



Fig. 4. Lamassus delapidados (Pórtico de Todas as Nações e Pórtico Inacabado, Persépolis).